



Personagens coloridas.
Técnica: pastel seco e carvão.
Obra escaneada por Rosiane Moraes,
na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP

JCAMILLO PENNA E GAIA: A SUBUTILIZAÇÃO DA FORMA EM *GAIA*, *O ENIGMA HUMANO* ISIS BRAGA - ABCA/RIO DE JANEIRO

RESUMO: J. Camillo Penna, artista visual, transforma sua percepção singular em composições dinâmicas, onde formas etéreas e intrigantes emergem, ora vibrantes, ora monocromáticas. Por meio dessa abordagem, ele busca revelar um dos grandes mistérios da humanidade: a existência humana. Suas obras de grande escala foram expostas na Galeria do Centro Cultural Olido, localizada no coração histórico de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: homem, natureza, arte, caos, harmonia, pareidolia, carvão, cores.

ABSTRACT: J. Camillo Penna, a visual artist, channels his unique perspective into dynamic compositions, where ethereal and intriguing forms emerge, sometimes vibrant, sometimes monochromatic. Through this approach, he seeks to unveil one of humanity's great mysteries: human existence. His large-format works were exhibited at the Olido Cultural Center Gallery, in the historic heart of São Paulo.

KEYWORDS: mankind, nature, art, chaos, harmony, pareidolia, charcoal, colors.

JCamillo Penna representa, em si, um enigma a ser desvendado. Para compreender sua arte e trajetória, é fundamental mergulhar em suas raízes familiares.

Descendente de uma linhagem de artistas, JCamillo herdou a sensibilidade estética de seu avô, João Baptista Isnard Gouvêa, conhecido como João Gouvêa. Engenheiro formado pela UFRJ, presidente da Brasilit e atuando na empresa familiar, Isnard & Cia., João sempre cultivou um desejo latente de estudar arte, embora sua trajetória profissional o tenha conduzido por outros caminhos. Mesmo assim, manteve-se ativo como pintor amador e fundou, ao lado de Ângelo Simeone, um ateliê na Praça da República. Esse espaço tornou-se ponto de encontro para nomes como Francisco Rebolo Gonsales, Clóvis Graciano, Emiliano Di Cavalcanti, que inclusive pintou o retrato de Marieta Marinho Gouvêa, avó de JCamillo, obra hoje pertencente ao acervo do MAC/USP. Foi nesse ambiente efervescente que JCamillo, ainda menino, deu seus primeiros passos na arte, pintando a guache ao lado do avô.



Fig. 1 - Retrato de sua avó Marieta Marinho Gouvêa por Emiliano Di Cavalcanti - foto de autor desconhecido



Fig. 2 - Retrato de seu avô de costas, pintando no ateliê da Praça da República. Autor não identificado e foto de autor desconhecido

O ateliê de João Gouvêa não era apenas um espaço de criação, mas também um núcleo de debates artísticos. Frequentado por artistas locais e visitantes, funcionava como um verdadeiro laboratório de experimentação visual. Além disso, João possuía uma valiosa coleção de arte, que incluía obras de Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Rebolo, Volpi e Simeone. Para o pequeno Camillo, essas telas representavam um portal para um universo de formas, cores e expressões.

Apesar de seu interesse natural pela arte, JCamillo seguiu inicialmente outro rumo. Seu irmão, Paulo Camillo Penna, tornou-se referência na gravura, coordenando o Ateliê de Gravura do Museu Lasar Segall. Mestre e doutor pela USP, Paulo se especializou na xilogravura, perpetuando a tradição artística da família. Contudo, JCamillo percorreu um caminho próprio, guiado por uma inquietação singular.

Aos 19 anos, movido por fascínio pelo artesanato e influenciado pelo pai, mudou-se para Silveiras, uma

pequena cidade do interior. Ali imergiu na natureza e desenvolveu um olhar mais apurado para a arte. Junto à esposa Denise, estabeleceu-se como artesão, mas logo sua produção ultrapassou os limites do ofício. Inspirado na fauna brasileira, começou a retratar pássaros sobre esculturas de amigos e a criar peças autorais. Seu impacto na comunidade foi significativo, transformando Silveiras em um polo de referência para o artesanato.

No entanto, a repetição dos padrões artesanais logo o incomodou. Em busca de novas formas de expressão, iniciou um percurso autodidata, estudando filosofia e história da arte. Reuniões em cidades como Silveiras, São José do Barreiro e Cunha, para desenhar e ler, tornaram-se espaços de trocas intelectuais, ampliando sua compreensão estética e conceitual.

Sua trajetória sofreu um ponto de inflexão em 2016, com a cofundação da Bienal Bocaina de Arte e Cultura (BiBo): incentivado por João Lutz, JCamillo expôs na Bienal daquele ano,



Fig. 3 - Camillo criança e seus irmãos, Manoel e Deborah, em frente aos quadros do acervo de seu avô. Autor desconhecido



Fig. 4 - Guache pintado por JCamillo no ateliê de seu avô. Nota-se aí uma tendência à pareidolia, embora ele ainda nem tivesse noção do seu significado. Foto de autor desconhecido

numa galeria rústica construída no sítio do amigo, batizada de Casulo. Compartilhando o espaço com Sonia Dietrish, apresentou trabalhos que marcaram um divisor de águas em sua carreira.

Em 2018, expandiu o conceito do Casulo, transformando-o em uma instalação sensorial denominada Casulo Psíquico, onde arte e música se fundiam em uma experiência imersiva.

O reconhecimento chegou por meio de Joaquim Marçal Andrade, que o descobriu e incentivou na primeira BiBo, no Sítio São José do Formoso, São José do Barreiro, e do cineasta e produtor cultural Jerônimo Vilhena, que o indicou para uma exposição individual no Centro Cultural Olido, em São Paulo. Sob curadoria de Luciana Ramin e Joaquim Marçal Andrade, a mostra *Gaia, o Enigma Humano* consolidou sua pesquisa artística.

Segundo Giulio Carlo Argan, “na cultura moderna, a arte é objeto de estudo por parte de uma disciplina autônoma e especializada, a Crítica de Arte, que opera segundo metodologias

próprias, tem como fim a interpretação e avaliação de obras artísticas e, ao longo de seu desenvolvimento, deu origem não só a terminologias apropriadas, como a uma autêntica ‘linguagem especial’”.



Fig. 5 - A cabana do Casulo Psíquico. Foto de Estêvão Pinto da Silva

Foi com esta intenção que eu me debrucei sobre a obra de JCamillo Penna, a fim de observar e avaliar o seu trabalho, que tanto me atraiu.

A obra de JCamillo Penna nos conduz a um confronto silencioso



Fig. 6 - Interior do Casulo Psíquico. Foto de JCamillo Penna

olido

GALERIA OLIDO apresenta

GAIA

O ENIGMA HUMANO

Uma narrativa antropocênica intramental

Obra de João Camillo Penna
Curadora: Luciana Ramin e Joaquim Marçal Andrade

18 JAN — 16 MAR

Av São João 473 - 1º andar Centro histórico de São Paulo SP

A exposição *Gaia o Enigma Humano* intenciona propiciar, através de 40 desenhos, ensejos para que sejam criadas pelo observador, narrativas com o objetivo de estimular a possibilidade de um novo olhar para uma averiguação física e psíquica de si mesmo.

(JCamillo Penna)

50 anos de arte em São Paulo

90 anos

Substancial

Rizoma

dp

olido

CIDADE DE SÃO PAULO
CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

VERNISSAGE

GAIA

O ENIGMA HUMANO

Uma narrativa antropocênica intramental

Obra de João Camillo Penna
Curadora: Luciana Ramin e Joaquim Marçal Andrade

08 FEV

Das 11h às 19h

Av São João 473 - 1º andar Centro histórico de São Paulo SP

São Paulo Capital da Cultura

90 anos

Substancial

Rizoma

dp

Fig. 7 - A e B - Convites para a exposição



Fig. 8 - Personagens a grafite e carvão. Obra escaneada por Rosiane Moraes, na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP

entre a forma e a imaterialidade, entre a presença do gesto e a efemeridade da matéria. Na exposição *Gaia, o Enigma Humano*, essa dinâmica se intensifica e alcança uma expressão quase metafísica. O artista não se limita a criar imagens; ele desafia os limites do visível, explorando os mistérios que envolvem a existência humana e sua conexão com a Terra.

A matéria-prima do artista, na exposição em questão, tem como elemento central o carvão, material carregado de significado: simultaneamente origem e fim, vestígio e potencial de transformação. JCamillo Penna utiliza esse recurso de forma a explorar opacidades e transparências, superfícies sólidas e etéreas, em representações pareidólicas que refletem a incerteza inerente à condição humana.

Gaia, o Enigma Humano não se limita a uma reflexão sobre o planeta e sua materialidade, mas também sobre os rastros que nele deixamos, sobre os enigmas do que fomos e do que seremos.

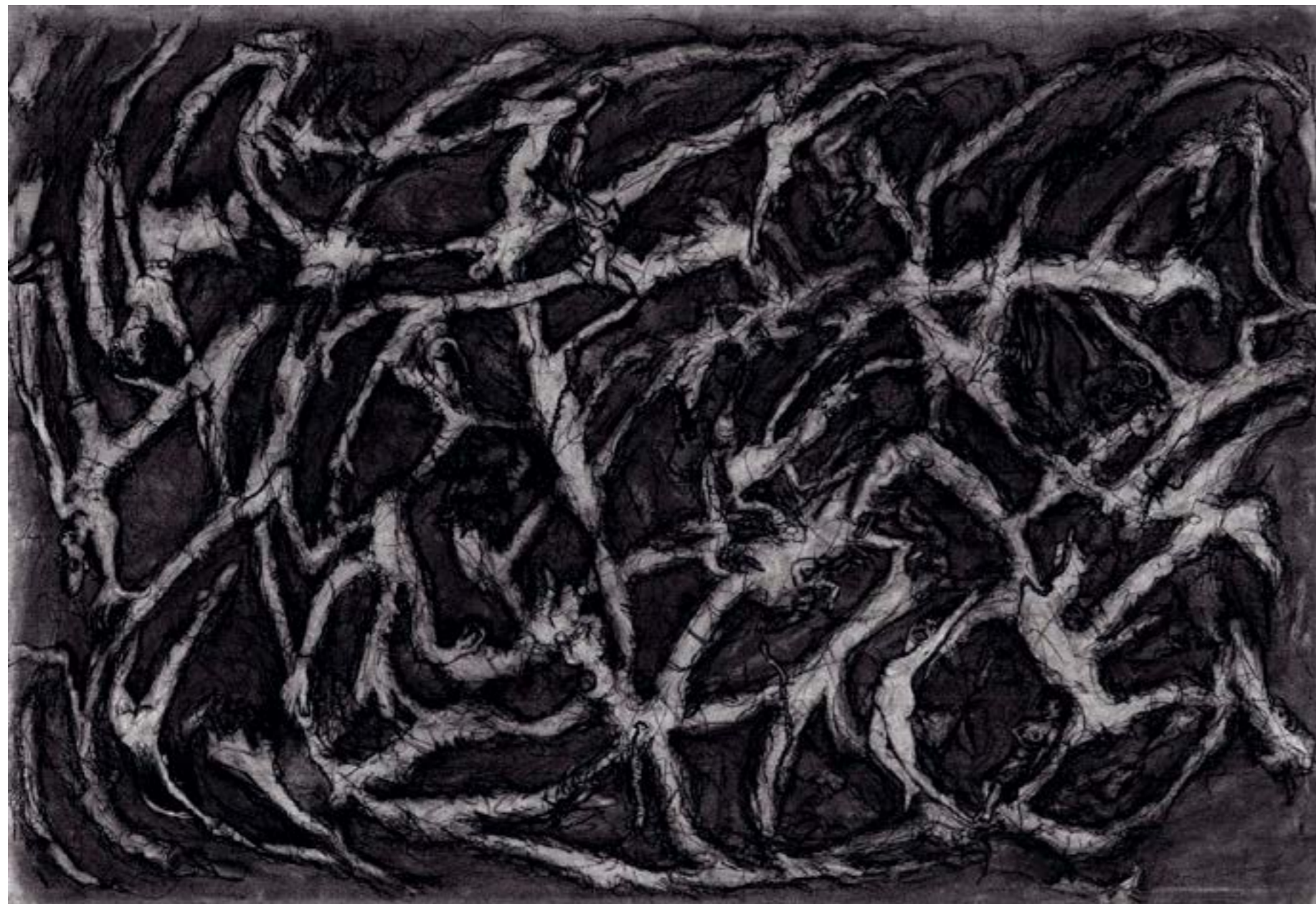


Fig. 9 - Personagens monocromáticas. Grafite e carvão. Escaneada por Rosiane Moraes, na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP

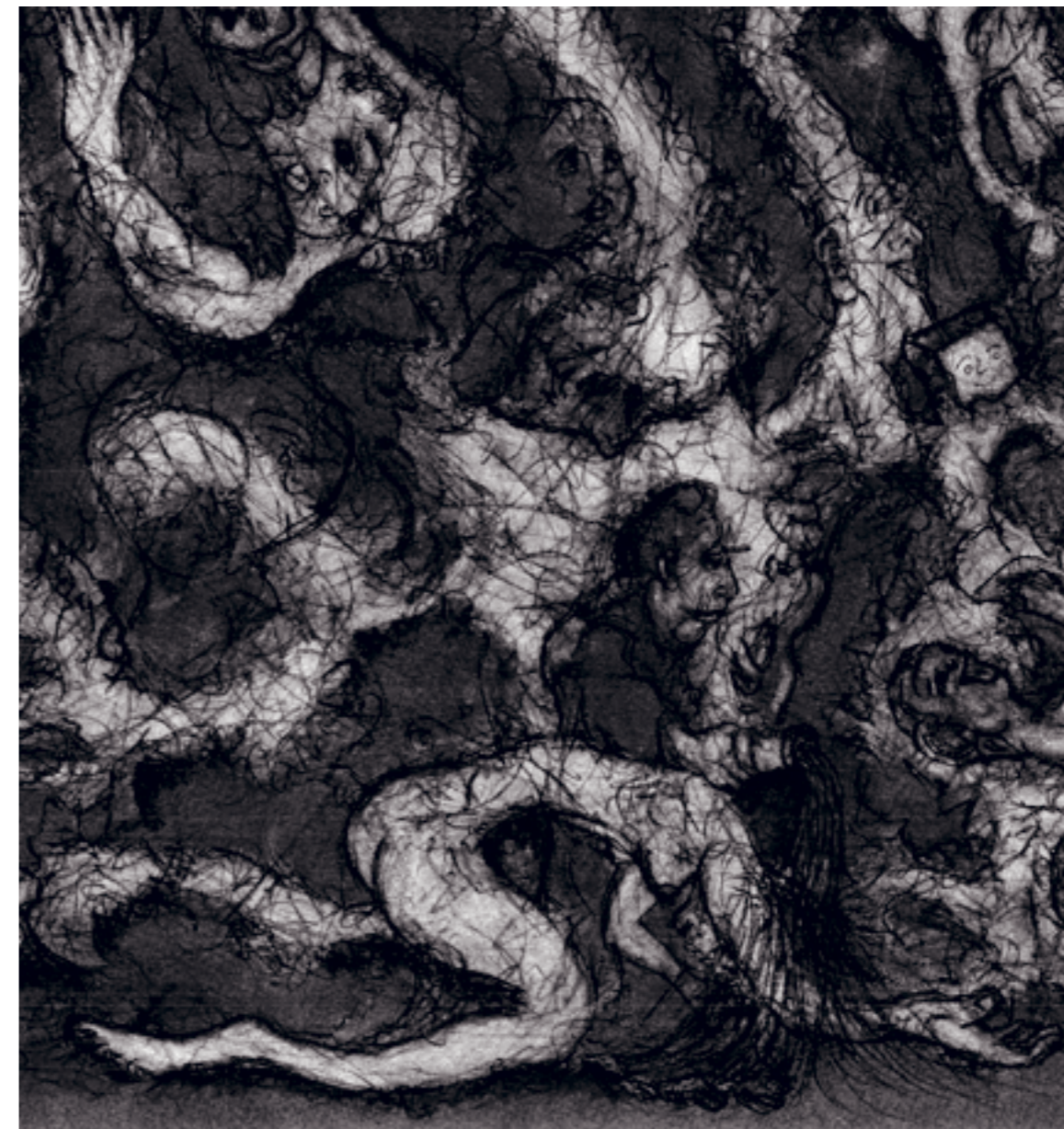


Fig. 10 - Recorte. Grafite e carvão. Obra escaneada por Rosiane Moraes, na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP

Quando JCamillo Penna utiliza a cor, ou melhor, a economia cromática que prioriza o essencial, ela torna-se um dos pontos de maior impacto nesta exposição. Ele evita a exuberância das cores vibrantes e busca uma expressividade que emerge do contraste entre luz e sombra, entre a densidade do negro e as nuances intermediárias. As cores não gritam, mas sugerem, ecoam, sussurram. Essa escolha vai além do estético e se torna um elemento conceitual: cada tonalidade atenuada evoca um vestígio, uma presença fugidia, que nunca se revela por inteiro.

A força de suas imagens sutis reside exatamente na negação do excesso. A composição visual da exposição exige um olhar paciente, atento às nuances. Seus desenhos apresentam figuras encapsuladas que parecem emergir da própria superfície, num movimento que vai além da técnica e se torna uma forma de escavação simbólica. O artista não apenas desenha, mas revela camadas ocultas, trazendo à tona fragmentos de um tempo não existente.



Fig. 11 - Personagens coloridas. Técnica: pastel seco e carvão. Obra escaneada por Rosiane Moraes, na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP



Fig. 12 - Personagens intrigantes. Pastel seco e carvão. Obra escaneada por Rosiane Moraes, na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP

Em algumas peças, a matéria se impõe com texturas que desafiam a lógica. O gesto de JCamillo Penna é firme, mas nunca arbitrário; é uma força que se expressa naquilo que é sugerido, no que permanece indefinido. Esse jogo entre vigor e sutileza é um dos aspectos mais cativantes da exposição, pois nos leva a refletir sobre a fragilidade que permeia os elementos mais resistentes da natureza e da existência. Suas formas ampliam essa sensação de enigma. Algumas delas evocam paisagens erodidas, como fragmentos de um mundo desvanecido ou vislumbres de um futuro espectral. O espaço expositivo se torna, assim, um território de interrogação, onde a presença humana é sutil, jamais revelada de forma explícita. Ela vai se mostrando aos poucos, delicadamente, misteriosamente.

O conceito de Gaia, aqui, transcende a noção de mito primordial e se manifesta como metáfora da interdependência e do ciclo incessante da matéria. Camillo nos convida a pensar naquilo que se revela pela ausência, no que persiste mesmo na

efemeridade. Na poética visual do artista, o ser humano é tanto um agente de transformação quanto uma sombra em dissolução.

Ao deixar a exposição, é inevitável sentir a permanência de um enigma que escapa à compreensão imediata. A potência de *Gaia, o Enigma Humano* reside exatamente nessa dialética entre matéria e ausência, entre os rastros do passado e as incertezas do futuro.

JCamillo Penna, com sua técnica precisa e olhar atento às interações entre natureza e humanidade, reafirma-se como um criador singular, capaz de traduzir o indizível em imagens de rara intensidade e mistério.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte e Crítica da Arte Editorial Estampa*. Lisboa, 1993.

KANDINSKY, Wassily. *Du spirituel dans l'art et dans la peinture en particulier*. Editions Denoël, 1969.

ENTREVISTA com JCamillo Penna.



Fig. 13 - Detalhe das obras policromáticas. Pastel seco e carvão. Obra escaneada por Rosiane Moraes, na empresa Yasutaca, Cruzeiro, SP

ISIS BRAGA

Artista-gravadora, atua nas áreas de fotografia, computação gráfica, gravura em metal e pesquisas no âmbito da imagem e cultura. Docente aposentada pela EBA/CLA/UFRJ. Membro da ABCA. Doutora em Artes Visuais pelo PPGAV/EBA, onde também lecionou. Doutora em Ciências pelo PEC/COPPE/UFRJ. Inúmeros artigos, apresentações e críticas publicados em periódicos e publicações acadêmicas.